

## CRÔNICA NA SALA DE AULA, PERSPECTIVAS

PABLO SIMPSON KILZER AMORIM (FFLCH - USP).

### Resumo

Esta comunicação tem como objetivo apresentar o resultado de um processo de acompanhamento de ações de formação de professores através da leitura de crônicas, levado à frente pelo projeto Crônica na sala de aula do Instituto Itaú Cultural a partir de 2004. Tal acompanhamento envolveu o diálogo com educadores e a elaboração de um material de apoio ao professor, com o objetivo de aproximar os alunos do texto literário, valorizando-o no contexto da educação formal, além de difundir o gênero. Num panorama em que as aulas de língua portuguesa e literatura costumavam privilegiar o ensino de gramática e tópicos de história literária, em detrimento de atividades propriamente de leitura e formação, sobretudo no Ensino Médio, o projeto de leitura de crônicas literárias permitiu indicar novos direcionamentos ao trabalho em sala de aula, auxiliando na formação de repertório dos professores e permitindo-lhes compreender a especificidade do lugar da leitura. O estatuto interdisciplinar da abordagem dos textos, por vezes incorporando questões de história e arte brasileira, conforme previstas no primeiro material de apoio elaborado pelo Instituto Itaú Cultural, sob a consultoria das professoras Cilza Bignotto e Noemi Jaffe, conferiu à formação, ademais, uma abrangência e um papel desencadeador de outras atividades e práticas.

### Palavras-chave:

Crônica, Gênero, Ensino.

Esta comunicação tem como objetivo apresentar alguns resultados de um processo de acompanhamento de ações de formação de professores com vistas à perspectiva do trabalho em sala de aula com a leitura de crônicas. Tais ações foram levadas à frente pelo projeto *Crônica na sala de aula* do Instituto Itaú Cultural desde 1999, com ações e encontros na sede do Instituto em São Paulo. A partir de 2004, passou a ter abrangência nacional, com atividades em vários estados e a distribuição de pelo menos cinco mil materiais didáticos de apoio ao professor. Implementado de diversas maneiras, em acordo com as Secretarias de Educação, consistiu fundamentalmente em atividades de sala de aula direcionadas a professores, com formatos variados, quer sejam oficinas de 6 horas, cursos de 20 horas ou mesmo através de vídeo-conferências de 30 horas (incluindo atividades presenciais e não presenciais), realizadas em São Paulo, num projeto de ensino à distância que vem sendo gradativamente ampliado. Em geral, tal organização foi decidida em conjunto com as Secretarias de Educação, respeitando os modelos de capacitação docente por elas oferecidos, o número de professores formados por capacitação e as áreas de interesse. Os cursos foram, em sua maioria, ministrados pelas professoras Cilza Bignotto e Noemi Jaffe, especialistas em literatura, alternando, em circunstâncias excepcionais, com especialistas em duas áreas também contempladas pelo programa: a educação inclusiva e a arte brasileira, que é uma das áreas preferenciais de interesse do Instituto Itaú Cultural.

Os objetivos apresentados pelo programa *Crônica na sala de aula* dividiam-se em três diretrizes principais: o estímulo à leitura, a valorização da literatura no contexto da

educação formal e a difusão do gênero crônica através da formação de repertório de educadores e alunos a esse respeito. O programa pretendia capacitar professores para trabalhar com a leitura de textos de autores brasileiros publicados a partir do século XIX, com ênfase especialmente em autores do século XX e numa reflexão sobre o gênero que a acompanhava. O propósito era privilegiar a leitura a partir de um texto acessível, mas também sistematizar esse conhecimento, buscando traçar a sua história, seus principais representantes, o modo de sua produção, suas características mais relevantes, etc. Para isso, escolheram-se autores e crônicas importantes, conferindo-lhes uma organização em quatro unidades ou módulos de formação. Corresponderam ao que, no material de apoio, apresentava-se como “Crônica e História: 1500-1850” – que curiosamente incluía a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, “Crônica: jornalismo e política, 1850 – 1900 (1964)”, reunindo Machado de Assis e Olavo Bilac, “Crônica: ficção, lirismo e o homem comum, 1900-1930”, dedicada a João do Rio e Rubem Braga, e “Crônica: consolidação e diversificação, 1930-2004”, a partir de um texto de Lourenço Diaféria. Tal organização, como se sabe, provém da trajetória estabelecida por Antonio Candido, vislumbrando um caminho gradativo de “consolidação da crônica”, no ensaio “A vida ao rés-do-chão”, que culminaria na obra de Rubem Braga. As unidades do material tanto quanto o modo como foram concebidas as ações de formação respeitaram essa trajetória geral, apontando para os fatores que determinariam a consolidação do gênero: sua origem no folhetim de jornal, a proximidade com a notícia, a brevidade, o humor, etc. Autores incluídos, como Machado de Assis, Olavo Bilac e Rubem Braga, além de referências bibliográficas amplas, foram relevantes para situar os professores em meio a esse quadro, que não se pretendeu exaustivo.

A avaliação do programa *Crônica na sala de aula* do Instituto Itaú Cultural foi elaborada entre os meses de novembro e dezembro de 2006. Foi resultado do acompanhamento de um conjunto de atividades realizadas no Itaú Cultural desde abril de 2006 e do diálogo com elaboradores e participantes do programa: Secretarias de Educação, docentes que atuaram no processo de multiplicação através de ações em diversos estados, docentes que foram formados pelo programa, alunos de escolas atingidas. Somaram-se a essas visitas conversas com multiplicadores (que é o professor que forma outros professores) e Secretarias de Educação, em encontro realizado na sede do Instituto em julho de 2006. A avaliação do programa ocorreu em meio à reelaboração do material de apoio, feita em colaboração com as professoras Cilza Bignotto, Noemi Jaffe e Samara Ferreira e sob a supervisão de Renata Bittencourt.

### *Alguns resultados*

Não há espaço aqui para considerar os diferentes aspectos da prática de capacitação de professores, tampouco as estratégias que foram mobilizadas pelo Itaú Cultural e as Secretarias de Educação no sentido de promover o projeto para professores, multiplicadores e escolas. Também não me parece o caso de discutir o conceito principal de crônica, no modo como foi apresentado pelo programa e com relação aos desdobramentos que não foram por privilegiados, mais da ordem da crítica literária, sobretudo no que diz respeito à perspectiva da invenção do cotidiano, do diálogo com o modernismo, da variedade de formas que o gênero assume e do lugar consagrado recentemente à sua reflexão em estudos como *A Crônica* (Editora da Unicamp), *O Folhetim* de Marlyse Meyer, dentre tantos outros. E que vêm resultando na reunião de crônicas de João do Rio, de Olavo Bilac, de Machado de Assis.

Considero, diferentemente, que talvez seja mais interessante discutir as práticas de leitura fomentadas por um gênero bastante adequado para o trabalho em sala de aula. De fato, o programa insistiu, em primeiro lugar, na possibilidade de contato direto do aluno com esse texto geralmente curto, favorecendo a atividade de leitura e de interpretação na presença do professor. O texto era lido na íntegra, trazendo em seguida questões gerais voltadas à sua interpretação e exercícios de alcance interdisciplinar. Abrangia-se, assim, o trabalho sobretudo a História, em função do diálogo que tal tipo de produção geralmente estabelece com os assuntos cotidianos de seu tempo e com uma perspectiva da representação que abarca outros lugares sociais do homem. A história menor, de personagens menores, foi trazida para a sala de aula, reordenando discursos e conferindo ao estatuto do cotidiano a sua legitimação.

Em segundo lugar, a crônica aproximaria os alunos do texto literário, por comportar características desde literárias e de ficção, às do texto jornalístico, meio privilegiado para a difusão do gênero. Relações entre real e imaginário foram, desse modo, problematizadas. A crônica possibilitava, além disso, alguns caminhos de análise e interpretação que, uma vez explorados, poderiam conferir um estatuto mais evidente para a função da literatura. Em muitos casos, houve mesmo como interesse do projeto gerar uma circulação de textos que ultrapassasse o que foi proposto pelo material didático. Indicaram-se autores contemporâneos, pedindo aos professores que realizassem uma pesquisa de crônicas e cronistas locais, na tentativa de propiciar a troca de referências e livros, bem como a discussão sobre identidade regional. Num panorama em que as aulas de língua portuguesa e literatura costumavam privilegiar o ensino de gramática e tópicos de história literária, em detrimento de atividades propriamente de leitura e formação, a intervenção das professoras pôde, conjuntamente com os textos escolhidos, indicar novos direcionamentos ao trabalho em sala de aula, auxiliando na formação de repertório dos professores e permitindo-lhes compreender a especificidade do lugar da leitura. O diálogo também mostrou que as aulas, em geral, tornaram-se mais interessantes para os alunos, que passaram a participar de forma ativa, através da produção de textos ou mesmo de atividades artístico-teatrais.

Por fim, o estatuto interdisciplinar da abordagem dos textos, por vezes incorporando questões de história e arte brasileira, conferiu à formação a facilidade do diálogo com outras disciplinas, facultando ao objetivo principal do programa, o estímulo à leitura, uma abrangência e um papel desencadeador de outras atividades e práticas.

### *Outras questões*

A prática da leitura, no entanto, se deixou suplantada, por vezes, pelo terceiro objetivo do programa, concernente à promoção do conhecimento e reflexão sobre o gênero crônica, consistindo na sistematização de categorias e informações sobre o modo narrativo, a pessoa da enunciação, o diálogo com os jornais, etc. Na verdade, o material e a formação ofereciam um aparato histórico-crítico a um gênero com o qual muitos professores já trabalhavam. Com isso, embora não se deva julgar as incorporações parciais em função do objetivo de valorização da literatura no contexto escolar, essa valorização se deu, preferencialmente, nos moldes já previstos do ensino formal, no caso do Ensino Médio, que era um dos focos do programa, ainda que apontasse também para o Ensino Fundamental e tenha sido efetivamente utilizado para a formação de professores desse nível. Assim, algumas crônicas indicadas foram rapidamente incorporadas ao escopo da história literária, com suas fases, características e

taxonomias. Embora estas não sejam resultado da formação oferecida pelo Itaú Cultural, tampouco constem do material didático produzido, demonstram fundamentalmente as práticas a que a disciplina de literatura se submete, evidenciando, por vezes, a incompreensão dos objetivos principais do programa. Não se pôde evitar, desse modo, que categorias de gênero arbitrárias como, por exemplo, crônica jornalística, histórica, humorística, fossem transmitidas como conteúdo disciplinar.

Nesse sentido, as experiências que se puderam acompanhar com alunos do Ensino Fundamental do 2º ciclo (5ª a 8ª séries) mostraram-se mais estimulantes. O trabalho com as crônicas, principalmente com as mais acessíveis para a compreensão desses alunos, pôde estender-se por várias aulas e constituir-se mesmo como atividade escrita. Não cabe aqui propor um quadro das diversas variantes sobre o aprendizado de literatura em ciclos escolares distintos. Exceções na maneira como foram trabalhadas crônicas em contextos diversos mostraram, no entanto, a viabilidade de partir da formação oferecida no sentido do objetivo amplo que se pretendeu. Esse é o sentido da manifestação geral de muitos professores nos questionários e relatórios apresentados. Como, apesar disso, tais manifestações diziam respeito também ao interesse pela leitura, produziu-se uma reestruturação do material de apoio que apontasse de forma mais direta para atividades de interpretação literária, voltadas ao estatuto dessa representação e possibilitando caminhos de análise adequados ao público alvo visado pelo programa. (Peço desculpas por não haver tempo de explorar alguns desses exercícios de análise e modificações.)

#### *Reestruturação do material didático*

A reestruturação do material, que acompanhou a avaliação do programa Crônica na sala de aula, foi realizada entre maio e dezembro de 2006. Algumas diretrizes gerais foram importantes nesse processo. Foram elas: em primeiro lugar, oferecer para cada texto de referência um conteúdo explicativo e interpretativo, em três níveis de compreensão, uma vez que os professores atribuíram ao conteúdo analítico do material uma importância reduzida em face das crônicas escolhidas, isto é, abordavam os textos de referência sem buscarem, muitas vezes, o aparato explicativo ou mesmo as atividades com que se conjugavam; em segundo lugar, melhorar a partir daí a integração entre as atividades propostas e esse conteúdo propriamente analítico, que até então se restringia à difusão da história e das características do gênero; em terceiro lugar, melhorar as indicações bibliográficas, integrando-as às unidades, na perspectiva de um aprofundamento do conteúdo por parte do professor e em face de uma provável interrupção das ações de formação conjugadas com a distribuição do material; em quarto lugar, reorganizar as informações sobre educação especial, que estavam dispersas e davam a impressão de que constituíam um dos focos centrais do programa; em quinto lugar, ampliar o número de atividades sugeridas, de modo a que compreendessem aspectos de interpretação de texto: qual o sentido geral da crônica? como são representadas tais personagens, etc?; em sexto lugar, pensar novamente a escolha de textos em função dos públicos-alvo atingidos pelo programa (havia crônicas como “Pequenas profissões” de João do Rio que apresentava grande dificuldade de compreensão em virtude do vocabulário empregado) ou de impropriedades conceituais (como era o caso do texto de Pero Vaz de Caminha); em sétimo lugar, melhorar a apresentação e caracterização sobre o gênero, resumindo-a a um informativo na introdução geral. Por fim, priorizar a abordagem de temas transversais e interdisciplinares. Desse modo, procurou-se facilitar a aproximação do gênero de

questões atuais, de política, de problemas sociais, éticos, etc., oferecendo ao professor alguns caminhos interpretativos. Em textos como “A escravidão” de Olavo Bilac, por exemplo, que apontava para questões complexas referentes ao racismo e à exclusão social, pôde-se observar a dificuldade de professores e mesmo das consultoras do Itaú Cultural de encaminharem as discussões principais. Tais discussões envolveram, em algumas circunstâncias, a manifestação de opiniões por parte de professores consideradas preconceituosas, tanto mais do que questionamentos quanto à opinião do autor, à representação do negro e seu lugar em nossa sociedade. Ainda que essas dificuldades não resultem do material didático, tampouco da elaboração do programa, e sejam parte constitutiva de abordagens interdisciplinares e transversais (desejáveis, portanto, com vista aos objetivos principais do programa e ao que deve consistir o aprendizado em geral, nesse espaço de questionamento e alteridade – e diante da relativa novidade dessas abordagens em sala de aula), julgou-se importante introduzir modificações na proposição de algumas dessas atividades. Tratava-se não de excluí-las, mas de partir de um universo da representação literária, da compreensão do posicionamento do cronista, para, posteriormente, produzirem-se discussões sobre preconceito, tensões sociais, etc. Pôde-se articular essas questões também com as imagens trazidas em anexo no material, sobretudo com a aquarela *O Escravo* de Debret, cuja relação com o tema da escravidão, a partir da representação do negro, não pareceu evidente aos professores. Finalmente, tais discussões passaram a contar com uma bibliografia de base e com propostas de participação de professores de outras áreas, como geografia e história, na tentativa de estender a prática da leitura em sala de aula a outras disciplinas.